

Domingo, 13 de Maio de 1956

RUBEM BRAGA

SCHMIDT

«HOMENAGEM de um velho poeta mal-querido». — É assim que Schmidt me manda suas «Poesias Completas», e, não sei porque, tenho a impressão de que a outros também ele fez essa meia queixa, tão de seu jeito. O banquete de seus 50 anos foi um «show» de prestígio político, financeiro e social, mas seus colegas poetas e escritores estiveram quase todos ausentes.

Não te entristeças, Schmidt; talvez estejamos todos ao teu lado, partindo o pão e tomando o vinho dos teus sessenta. Agora não, que não precisavas de nós, nem deste obscuro homem de prosa de todo dia nem dos poetas maiores, teus irmãos.

Mas teu banquete continua; apenas está começando. É um grande banquete silencioso. Aqui, neste pequeno apartamento junto ao mar, além, na montanha, lá longe, no campo triste, há, pela imensidão da noite, muitas luzes humildes acesas. São homens lendo teu livro, comendo de teu pão, bebendo de teu vinho. O homem de negócios, o político, o diretor de firmas, esse pode ser — e que lhe importa? — muito mais que mal-querido, malquisto. O poeta é nosso irmão.

Que ele está vivo, nós os sentimos nestes últimos versos, «A Estrela», «Poesia», «Revejo-te caminhando», «Poema de Finarte». Mas, desde o primeiro verso, o poeta é dono de um mundo inteiro, um mundo escuro, com vento e chuva, pedras e mato, soluços do mar, onde estranhas luzes desenhavam o perfil da pálida Luciana, os pés pequenos e morenos de Josefina e tantas outras sombras gentis — Matilde, Irmênia, Marieta, a das tranças...

Há uma unidade profunda na poesia de Schmidt, e não importa que a qualidade dos poemas seja tão irregular — e que vale, afinal, é a sua grandeza. Esse perdulário de versos deveria ser melhor fiscalizado por algum amigo mais íntimo. Conheço, por exemplo, dois sonetos a Di Cavalcanti que são obras de alta beleza, e não estão no livro. Quantos poemas Schmidt não terá espalhados assim, pelas gavetas, pelos amigos, olvidados em meio de uma inútil papelada? Essas são as «terras raras» que não interessam à Orquídea, esse é tório, esse é o urânio, essa a irradiação misteriosa e intensa palpitando no fundo da noite, Augusto Frederico, e palpitando para sempre.